

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

---

PINHEIRO, José Ernanne: *Memória e Missão: Experiências de vida*. São Paulo: Paulinas, 2009. 318 pp., 21 X 14 cm. Col. Memória. ISBN 978-85-356-2516-5.

Aumenta a literatura autobiográfica. Característica interessante da pós-modernidade. E a história se constrói bastante a partir desses testemunhos. No caso do presente livro, ERNANNE desenvolveu e desenvolve ampla atividade pastoral, especialmente no campo da relação entre Igreja e política. Conhecer-lhe a vida, em estilo testemunhal, ajuda-nos a entender melhor a sua prática. Como ele viveu momento de extrema importância na vida da Igreja universal e do Brasil, de maneira intensa e participativa, essa autobiografia traz contribuição para o conhecimento da história recente da Igreja.

ERNANNE foi ordenado sacerdote três dias antes de terminar o Concílio Vaticano II, esse maravilhoso divisor de águas da Igreja. Ele conheceu, como criança e jovem seminarista, os anos de turbulência que precederam e depois que se seguiram a esse evento. Filho de família numerosa, o segundo de dez filhos, perde a mãe quando de parto aos 43 anos, e o pai viúvo casa-se pela segunda vez, tendo ainda mais duas filhas. Nasce em região pobre do Ceará. Daí herdou a mística da luta, dentro de uma família de princípios.

No meio de uma brincadeira, um monsenhor pergunta aos meninos: quem quer ser padre? Com o sim de ERNANNE, com 11 anos, apenas terminado o 3º primário, começa a epopéia seminarística da entrada no Seminário Menor de Limoeiro do Norte até terminar no Colégio Pio Brasileiro de Roma, depois de passar pelo Seminário Maior de Fortaleza. Nem lhe faltou nessa trajetória o choque da perda da mãe, quando ainda estava no Seminário Menor.

Pessoalmente o conheci em Roma. Iniciava meu trabalho de orientador de estudos e ele já andava pelo 4º ano de teologia. O Colégio viveu, com o Concílio em andamento, anos de turbulência que ele narra de maneira sucinta. Foram momentos de rica experiência de Igreja, entrando em contacto com renomados teólogos. As férias proporcionaram-lhe experiências bem diversificadas de trabalho, de estágio rural, de colônias de férias, de contacto com a Mission de France. Antes de voltar ao Brasil, morando com uma equipe de padres da Mission de France, trabalhou um ano como operário na França. Nem lhe faltou participar, em Paris, de um curso intensivo do Instituto de Economia e Humanismo do Pe. Lebret.

De volta ao Brasil, ERNANNE terá dois polos principais de atuação: Recife e Brasília com pequeno intervalo de um ano no Seminário da Prainha de Fortaleza (1966) e outro ano na Faculdade Nossa Senhora da Assunção em São Paulo (1980).

A experiência de Recife foi riquíssima. Desde 1964, era arcebispo a figura maravilhosa de Dom Helder. Para despertar a curiosidade do leitor, elenco simplesmente os fatos mais relevantes: vice-reitor do Seminário Regional do NE com um ano apenas de padre, a criação do ITER (Instituto de Teologia do Recife), a formação dos seminaristas em comunidades menores, a vida numa equipe de padres inserida na Vila Popular de Olinda, vigário episcopal dos leigos, a tragédia do assassinato do Pe. Antônio Henrique Pereira Neto no auge da repressão militar na cidade do Recife para atingir a pessoa de D. Helder (1969), assistente da ACO na Arquidiocese de Recife, a saga do sequestro do voo que o conduziria do Rio de Janeiro a Santiago do Chile depois da escala em Buenos Aires e outra em Santiago, simplesmente para abastecer o avião que decolou para Cuba (1969), a expulsão do pe. Comblin do Brasil (1971), o curso no IPLA do CELAM (Equador, 1972), Coordenador de Pastoral da Arquidiocese do Recife (1974-1979). Este cargo de Coordenador permitiu-lhe conhecimento mais profundo da vida da Arquidiocese: a atuação de Dom Helder, valorização dos cristãos leigos (as), Movimento de Evangelização “Encontro de Irmãos”, Operação Esperança, Comissão Justiça e Paz, Assembleias Arquidiocesanas de Pastoral, repressão militar.

Depois do hiato de um ano em São Paulo, volta ao Recife e assume a direção do ITER (1981-1985). Trabalho relevante, difícil. No livro, ele faz um balanço de sua gestão: crescimento numérico, reestruturação da coordenação dos estudos, o intercâmbio nos diversos níveis, valorização das promoções do Diretório Acadêmico, incentivo à comunhão e participação no espírito de Puebla, criação de uma revista, diálogo permanente com os responsáveis das casas de formação, diálogo com os ex-alunos do ITER, manutenção, além do curso regular, de um curso de Ciências Religiosas para Agentes de Pastoral e Professores de Religião, empenho na gerência da parte administrativa, o enfrentamento com os diversos tipos de alunos que chegavam.

ERNANNE, ao fazer um balanço sobre o tempo que passou na Arquidiocese, confessa que foi “seduzido pela cidade do Recife”. Sendo substituído na direção do ITER, parte deixando muitas amizades que ele enumera singelamente, desde Dom Helder até alguns amigos que destaca: Homero Brandão e Pe. René Guerre.

Brasília constitui-se no outro polo de sua vida. Até hoje vive aí. Distingue três grandes períodos. Chega à Capital Federal como Assessor da CNBB. E começa então longa trajetória de serviço à Igreja em nível de Brasil. Desenvolveu no primeiro período de Brasília (1986-1996) o cargo de Assessor dos leigos. Manteve contactos com o Conselho Nacional dos Leigos, que a CNBB fundara em 1976. Em 1987, esse Conselho faz seu primeiro encontro nacio-

nal em vista da preparação do Sínodo dos leigos que acabou sendo marcado para Roma, em 1987. Foi convidado como assessor da CNBB para ele. Excelente experiência de contactos mundiais.

ERNANNE ainda nesse cargo participa juntamente com outros assessores intensamente do período da Assembleia Nacional Constituinte (1987-1988), com assíduo acompanhamento do trabalho parlamentar. Assume também o cargo de Subsecretário de Pastoral da CNBB e colabora na elaboração das novas Diretrizes da Ação Evangelizadora para o quadriênio de 1991-1994. Festejou nesse ínterim o jubileu de prata sacerdotal (1990). Participa da Conferência de Santo Domingo como assessor da CNBB (1992), encerrando assim uma fase na CNBB, para em seguida tornar-se Assessor Político da CNBB de 1992-1996. Momento importante em que acontecem: A ação do Movimento da Ética na Política, o Movimento Cidadania contra a Fome e a Miséria e pela Vida. Não faltaram viagens internacionais que lhe enriqueceram a visão de Igreja.

Ao deixar a assessoria da CNBB, é nomeado para dirigir o Centro Cultural Missionário (1996-2001) com enormes elogios. Trabalho intenso e desafiante de contacto direto com os/as missionários/as de países e continentes diversos. Teve de participar de Congressos sobre a missão, encetar viagens missionárias. Vida rica de experiências. Faz sentida lembrança de mortes: do próprio pai, de D. Helder, do pe. Humberto Plummen.

Já pensava voltar à diocese depois de terminar o mandato de direção do Centro Missionário, quando, de novo, lhe solicitam retomar Assessoria Política da CNBB a partir de 2001. Aí está até hoje. Nessa nova fase, participa na elaboração da análise de conjuntura mensal. Tocou-lhe esse ofício bem durante os mandatos do Presidente Lula. Alguns itens fecham o livro: celebração dos 50 anos da CNBB (2002), nova direção da CNBB (2003-2007), presença do Presidente Lula na Assembleia Geral da CNBB, a organização da Escola de Formação Política. Os bispos da Presidência e do Conselho Episcopal de Pastoral da CNBB aprovam a proposta do Centro Nacional Fé e Política “Dom Helder Câmara” (2004). Organiza-se, em 2006, a primeira turma em parceria com a PUC-Rio do curso de Formação Política para Cristãos Leigos(as) com duração de um ano e meio para 50 alunos(as).

ERNANNE faz breve menção a sua participação na comitiva presidencial para os funerais do João Paulo II (2005). Neste mesmo ano ele celebra 40 anos de sacerdote. Acrescenta, no elenco das atividades de assessoria no campo político, a participação no colegiado da Comissão de Ética Pública, criada pelo Governo Federal com a competência de rever as normas que dispõem sobre a conduta ética na Administração Pública Federal (2006). Assumiu tal cargo por três anos.

Fecha o livro com uma reflexão sobre a espiritualidade do padre diocesano. Enfim, temos aqui memórias ricas de uma vida de intensa atividade pastoral

principalmente na Arquidiocese do Recife e em Brasília, seja na assessoria política da CNBB, seja na direção do Centro Missionário. Estão escritas algumas páginas da história da Igreja do Brasil em momentos bem diferentes: os esperançosos anos do Concílio Vaticano II, os tenebrosos tempos da repressão e os novos rumos da política eclesiástica e civil no Brasil

J. B. Libanio

FARFÁN NAVARRO, Enrique: *Gramática do hebraico bíblico*. Tradução do original espanhol de 1997 por Celso Pedro da Silva e Cássio Murilo Dias da Silva. São Paulo: Loyola, 2010. XII + 99 + 79\* pp., 23 X 17 cm. Col. Ferramentas bíblicas. ISBN 978-85-15-03744-5.

O A. é doutor em Sagrada Escritura pelo Pontifício Instituto Bíblico com a tese *El desierto transformado: una imagen deuterocanónica de regeneración* (1990), publicada na coleção *Analecta Bíblica* (nº 130). É diretor da Academia Valentina para o Estudo de Línguas Bíblicas, Clássicas e Orientais da Faculdade de Teologia São Vicente Ferrer (Universidade Católica de Valencia, Espanha).

Com esta obra, Edições Loyola acrescenta mais um volume à coleção *Ferramentas Bíblicas*, oferecendo uma exposição clara e simples a todos os que desejam ter um primeiro contato com a língua hebraica bíblica, suas estruturas básicas e o vocabulário fundamental, sem pretensões de adentrar questões mais complexas, as quais demandariam uma abordagem mais detalhada.

A gramática é dividida em cinco capítulos. Os dois primeiros tratam da escritura e da fonética da língua hebraica bíblica. Os outros três são dedicados às várias classes gramaticais (pronomes, substantivos, adjetivos, numerais, verbos fortes e fracos, etc.). Os capítulos são subdivididos em seções, perfazendo 48. No final de cada seção, encontram-se exercícios de aplicação do conteúdo apresentado.

Surge aí o principal problema da obra. Alguns aspectos da língua que serão apresentados somente em seções posteriores aparecem já nos exercícios iniciais, o que dificulta ao aluno a compreensão das frases propostas para tradução. Por exemplo, no exercício de tradução da seção 11, há uma frase na qual se encontram uma preposição e um verbo, mas as preposições serão apresentadas apenas na seção 22 e os verbos começam a ser apresentados apenas a partir da seção 23. Essa dificuldade repete-se várias vezes (seções 13, 16, 17, etc.).

No final dos exercícios de cada seção, o estudante encontra uma brevíssima citação de um texto bíblico (na maioria das vezes com tradução interlinear), “para despertar o interesse” (como afirma o A).

Ainda que a apresentação dos conteúdos seja em geral muito clara e didática, causa estranheza a apresentação da “declinação do nome” (sic!) hebraico na secção 18. O A. toma como modelo os cinco casos oblíquos da declinação latina (vocativo, acusativo, genitivo, dativo e ablativo, cf. p. 38), o que, em lugar de ajudar o estudante, apenas complica um aspecto relativamente simples da gramática hebraica (ainda mais no se o estudante não tiver familiaridade com a gramática latina). Uma vez que a cadeia do construto já tinha sido apresentada na secção 16 (o que, *grosso modo*, corresponderia ao genitivo) e as formas da partícula que marca o acusativo são apresentadas na secção 22, o que é exposto a respeito da suposta “declinação do nome” não somente é desnecessário, mas cria confusão. Por outro lado, a apresentação das formas verbais na secção 23 (n<sup>os</sup> 4 e 5), bem como a questão dos “tempos” verbais na seção 24 é muito clara e didática, deixando de lado alguns filigranas que poderiam atrapalhar o progresso do estudo.

O sistema de transliteração do hebraico empregado na obra é, em geral, muito bom. Percebem-se, contudo, dois problemas. O primeiro diz respeito à opção do A. em não distinguir entre o caráter “explosivo” e o “aspirado” nas letras *b, g, d, k, p, t*. Ainda que comumente só se faça essa distinção na pronúncia de três delas (*b/v, k/kh, p/f*), essa distinção é importante e deveria ser assinalada na transliteração (o A. optou por marcar apenas a distinção entre *p/f*). O segundo problema encontra-se na transliteração da palavra hebraica *š'wa*, a qual aparece como *š'wâ*. Pode-se admitir que o *'alef* final sirva aqui como *mater lectionis* (o que justificaria o uso do circunflexo), mas, se esse fosse o caso, essa informação deveria constar em algum lugar (como é o caso para as demais vogais, apresentadas no quadro da p. 5). Como essa explicação não é dada, o estudante menos atento não conseguirá entender o porquê do uso do circunflexo em *š'wâ*. Além disso, o uso do morfema plural português (“-s/-es”) em palavras hebraicas ainda não aportuguesadas (*š'wâs, dagešes*) não é adequado. Seria preferível usar as formas plurais originais hebraicas (*š'wa'im, d'gešim*).

Devido à falta de progressividade entre os conteúdos expostos e as exigências dos exercícios, acima criticada, a obra se presta menos para ser usada como manual para aprendizagem da língua, do que como material de consulta para acompanhar um curso de hebraico bíblico. Nesse sentido, ainda, a falta de um “gabarito” para a correção dos exercícios (especialmente os de versão do português para o hebraico, sabidamente mais exigentes) dificulta o uso auto-didático da obra, fazendo necessário que o interessado recorra a alguém que possa corrigir as respostas aos exercícios.

No final da obra, o A. oferece tabelas muito práticas com os paradigmas das flexões nominais e verbais. Seguem uma breve antologia de dez textos reproduzidos da *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* e dois pequenos, bastante úteis, vocabulários (hebraico-português e português-hebraico) com as informações básicas necessárias para que o estudante possa trabalhar os exercícios e textos propostos ao longo da gramática.

Apesar dos pequenos problemas acima expostos, a obra cumpre seu objetivo de proporcionar uma apresentação sucinta e clara do hebraico bíblico, servindo como excelente material introdutório.

*Claudio Paul SJ*

VERMEYLEN, Jacques: *Le marché, le temple et l'évangile: Itinéraires Catholiques*. Paris: Cerf, 2010. 227 pp., 24 X 15 cm. Col. Théologies. ISBN 978-2-204-09125-1.

Em linguagem clara e acessível, o autor, Doutor em Teologia e professor de Antigo Testamento na Universidade Católica de Louvain-la-Neuve (Bélgica), descreve três “estilos” em que se apresenta, hoje, a Igreja católica: o que se guia pelo Mercado, o que segue o modelo do Templo e o que toma realmente a peito o Evangelho, em diálogo com a vida presente da humanidade.

No primeiro estilo, o que importa é a aceitação pela grande massa. Na sociedade pluralista, cada qual tem sua concepção do mundo (ou nenhuma), e a verdade se estabelece com base no ibope. Neste estilo, encontramos um catolicismo desinstitucionalizado, individualista, que passa ritos – às vezes em forma pré-conciliar – e “valores cristãos” (ensino católico) etc., mas sua consciência do autêntico “ser cristão” é questionável.

No segundo estilo, o do Templo, reina a rígida fidelidade a uma tradição institucional, que vai acumulando suas observâncias e restrições, tanto no campo doutrinal quanto no moral e jurídico. O acento está na hierarquia e no jurídico. Rígido e autoritário, este catolicismo pretende conhecer de modo incontestável (para não dizer infalível) a verdade que julga dever proclamar, enquanto o mundo o deixa de lado e busca seu próprio caminho.

No terceiro estilo, o que prevalece é a conversão evangélica, a escuta atenta do testemunho fundacional e da lógica do Reino de Deus trazido presente por Jesus. Realiza-se na interpretação criativa e atualizada daquilo que foi a mensagem e a obra de Jesus segundo o testemunho do Novo Testamento e da verdadeira Tradição viva.

O catolicismo e os próprios católicos se sentem divididos entre estes três estilos. Todo cristão consciente procura a liberdade de que o pós-moderno se gaba, deseja a estabilidade institucional que o Templo parece oferecer e sente o desejo de se arraigar na tradição subversiva inaugurada por Jesus. Este último desejo é certamente o que deve prevalecer e integrar, na justa medida, os dois outros “estilos”.

Embora escrito no contexto da atual situação europeia, o livro ilumina com muita clareza também a situação de grandes setores da América Latina, onde se reproduzem os mesmos fenômenos, provenientes da urbanização e da globalização. Extremamente lúcido, o livro mostra as raízes profundas do evento Jesus Cristo, além de notável percepção da história da Igreja. No fim, propõe atitudes e ações práticas para devolver à Igreja Católica, hoje, sua credibilidade evangélica. Mencionam-se, nesta perspectiva, a opção pelos pobres, o diálogo honesto com as ciências, a historicidade da moral, a constituição de comunidades em medida humana, o presbiterado-serviço, confiado também aos casados etc.

Fazemos votos de que em breve apareça uma tradução brasileira.

Johan Konings SJ

DUMAIS, Monique: *Femmes et mondialisation*. Montréal: Médiaspaul, 2009. 141p., 19 X 12, 7 cm. Col. Interpellations, 18. ISBN 978-2-89420-803-8.

O livro nasce de dentro da perspectiva da teologia feminista. A A. é religiosa ursulina, professora emérita da Universidade do Québec, Canadá. O tema central se expressa bem no título: mulheres e mundialização. Distingue mundialização de globalização. A segunda se refere antes ao campo econômico em escala planetária, enquanto a mundialização diz respeito a um fenômeno cultural mais abrangente. Assim não tem sentido falar de globalização dos direitos humanos, e sim de mundialização. Existe uma mundialização no sentido de aproximação e interdependência dos povos como processo multissecular, que acelerou a partir das grandes descobertas, conquistas coloniais e progresso nas comunicações a partir do século XV e XVI. Sem desconhecer o aspecto econômico da mundialização, trabalha-lhe sobretudo a questão cultural, em sua amplitude, com especial referência ao impacto que ela causa sobre a mulher e como esta aí atua. “Os efeitos da mundialização não afetam indiferentemente os dois sexos”. E nos aspectos negativos, a mulher termina sendo a maior vítima por causa de longa tradição machista.

Dois traços fundamentais caracterizam a obra. Revela excelente grau de informação com citações especialmente de mulheres envolvidas teórica e praticamente com a mundialização. Tem-se uma idéia da ampla presença feminina e das crescentes ondas de pessoas conscientes da gravidade da atual problemática em torno do tema central. Uma segunda característica casaria bem com a atitude de sabedoria. Não se trata tanto de uma obra de elaboração teórica sobre os problemas, mas de enorme sensibilidade pelas questões abordadas, unida a um senso de humanidade e sabedoria huma-

na. Serve para reflexão, discussão, conscientização de pessoas alheias à questão da mundialização e conexas.

O toque teológico religioso marca o texto, embora alimentado fundamentalmente pelo senso ético em face dos problemas da atualidade. O leitor se adentra numa série de iniciativas canadenses, de Québec e do mundo todo referentes à luta contra as conseqüências negativas da globalização e mundialização. Toca-se ampla gama de temas. Depois de esboçar rápida caracterização da globalização econômica na introdução, a A. alude à experiência do Québec de ter criado, em 2002, um observatório da mundialização para conscientizar as pessoas de todos os seus aspectos e para oferecer à nação quebequense informações confiáveis para posicionar lucidamente em face dela.

O texto se detém em fornecer dados sobre os movimentos de conscientização, sobre o Fórum Social Mundial iniciado em Porto Alegre, sobre a ATTAC (Associação para a taxação das transações financeiras para a ajuda dos cidadãos) na linha da Taxa Tobin, sobre a marcha mundial das mulheres, sobre a luta por uma ética solidária, sobre o ecofeminismo, sobre o problema do meio ambiente, etc. Há muitos testemunhos de mulheres lutadoras do Terceiro Mundo, tais como as indianas Vandana Shiva, Arundhati Roy, a iraniana Shirin Ebadi, Satako (Mali), Benazir Bhutto (Paquistão).

Discorre sobre a questão do tráfico de mulheres do 3º Mundo para o 1º, com a finalidade de submetê-las tanto a trabalhos duros quanto à exploração sexual. Denuncia a generalizada desigualdade salarial em relação aos homens. Constata verdadeira feminização da pobreza.

O livro tem páginas em que apontam caminhos éticos em face da exploração das mulheres, dos pobres e da natureza. O itinerário ético parte da conscientização da situação de dominação criada pelo mundo da globalização e mundialização. Abre um primeiro caminho por meio da solicitude máxima em relação aos alimentos, à fabricação de armas, à destruição do meio ambiente. Nesses campos, a atuação de transnacionais alcança requintes de perversidade. A A. sinaliza também movimentos de protesto. Reivindica justiça para o mundo do trabalho em que a mulher mais que ninguém é explorada. Sob a epígrafe de sabedoria, toca quatro temas fundamentais: educação, cidadania, política e economia. Campos em que a mulher também padece discriminação. Fecha o livro apelando pelos valores da solidariedade, da defesa dos direitos fundamentais da mulher, do seu reconhecimento como pessoa humana. Numa palavra, ela propugna uma mundialização humanizante, considerando, de modo especial, a situação mulher.

O livro cumpre função de conscientização e de apelo ético. Não se trata de mera proposta idealista e utópica, mas aponta já para o que se está a realizar no mundo. E vem, portanto, reforçar um projeto em andamento.

*João Batista Libanio, SJ*

GRÉMION, Catherine / TOUZARD, Hubert: *Igreja e contracepção: Urgência de uma mudança*. Tradução do original francês de 2006 por Odila Aparecida de Queiroz. São Paulo: Loyola, 2010. 175 pp., 21 X 13,7 cm. ISBN 978-85-15-03774-2.

Catherine Grémion é socióloga e política, diretora de pesquisa no Centro Nacional de Pesquisa Científica de Paris. Hubert Touzard é professor emérito de Psicologia Social e antigo diretor do Laboratório de Psicologia Social da Sorbonne (Paris). Ambos são membros da Igreja Católica.

A questão mais importante tratada no livro é a do controle de fecundidade e a contracepção entre os casais casados. Parece estar aí o ponto crucial do qual decorre todo o resto, e o que ajuda a questionar as posições do Magistério da Igreja Católica no âmbito da sexualidade humana. É preciso ver com clareza esta postura do magistério. A publicação da Encíclica *Humanae vitae* (1968), de Paulo VI, condenou toda forma de domínio da fecundidade do casal que não fosse “natural”. Foi o início de um distanciamento, ou até mesmo de ruptura, entre o comportamento dos casais católicos e a moral da sexualidade ensinada pelo magistério.

Os decretos disciplinares na ordem da moral da sexualidade deixaram de ser acolhidos com unanimidade pelos fiéis. No âmbito da união conjugal, a intransigência do magistério choca-se com a mudança dos costumes e a laicidade do Estado moderno. Em nome de um importante grupo de intelectuais católicos, o livro analisa o que levou o Magistério da Igreja a tomar tal posição.

Em primeiro lugar o livro apresenta uma releitura histórico-crítica da doutrina da fecundidade e do relacionamento homem-mulher no âmbito do matrimônio. Depois de ter detectado os pontos mais contraditórios, os autores oferecem saídas alternativas que evitem a ruptura entre o ensino da hierarquia e a vida sexual concreta dos batizados.

Não há um questionamento radical de todo o corpus da moral da sexualidade desenvolvida pelo magistério. Ao contrário, os autores compartilham e assumem os princípios fundamentais do matrimônio cristão: o valor do amor, a generosidade, o perdão, a estabilidade nas relações, a fidelidade conjugal e a fecundidade. A contribuição do cristianismo para a vida familiar tem sido fundamental, uma verdadeira revolução no decorrer dos primeiros séculos: igualdade entre homem e mulher, fim do poder absoluto do patriarcalismo, dimensão comunitária da família, respeito e dignidade da mulher, monogamia, etc. Vale lembrar que a disciplina da Igreja referente a esta questão é de vários níveis: caráter sacramental, ordem conjugal, educação da prole, etc.

O problema está que na moral católica, o campo da sexualidade foi invadido por uma série de tabus, intolerâncias e interditos pautados por um rigorismo

exacerbado. No tema em questão, os grandes questionamentos giram em torno do paradigma da *lei natural*, a qual proíbe qualquer outro método diferente da inscrição nos ritmos de fecundidade da mulher. Esta submissão à natureza e suas leis pauta todo o ensinamento pontifício neste ponto. Afeta tanto o plano dos fins quanto dos meios. A *Humanae vitae* transformou-a em escudo em defesa da disciplina.

Um dos pontos centrais do rigor da disciplina em matéria de comportamento sexual e conjugal refere-se aos meios autorizados e proibidos para um planejamento da fecundidade. Mas, os métodos 'naturais' aceitos e recomendados pelo magistério são realmente tão 'naturais' assim? Não se trata de um reducionismo antropológico insustentável do ponto de vista racional? No fundo, sublinha a dificuldade do magistério de ultrapassar uma moral do ato para assumir uma moral da intenção.

Nesta matéria, a Igreja, povo de Deus, precisa levar a sério o consenso dos fiéis proclamado pelo Concílio Vaticano II, o *sensus fidei* (*Lumen gentium* 12). Os fiéis também receberam a unção que vem do Espírito: "Segundo a ciência, a competência e o prestígio que possuam, os leigos têm o direito e até o dever de manifestar o seu parecer no que se refere ao bem da Igreja (*Lumen gentium* 37). A *Humanae vitae* foi muito contestada, em todos os níveis da Igreja, desde sua publicação até os dias atuais. No entanto, o magistério insiste em apresentá-la como definitiva nesta matéria. Tudo se passa como se os leigos não tivessem absolutamente nada a dizer, são tratados como ignorantes e incapazes pela hierarquia até em sua vida conjugal! O que é vivido pelos casais em matéria de sexualidade não parece ser levado em consideração.

Diante desta flagrante contradição entre a prática do magistério pontifício e a *Lumen gentium*, o livro termina com um apelo á responsabilidade do laicato, - principalmente à sua consciência - para que não desista de propor alternativas à intransigência e ao anacronismo do magistério: "Recusando mudar sua posição, a Igreja feriu a consciência dos fiéis, e por isso maculou gravemente sua credibilidade na maior parte das matérias morais e dogmáticas" (p.136). A partir do Vaticano II, o papel dos leigos na transmissão da fé na sociedade atual não permite mais tratá-los como secundários na Igreja.

Apesar de abordar um assunto complexo e, no mínimo, controvertido, é uma leitura acessível. Os autores não são teólogos, não entram em pormenores da complexidade do conjunto dos debates teológicos. A visão européia dos autores não impede que abra horizontes aos leitores brasileiros.

*Élio Estanislau Gasda, SJ*